

# ENTRELAÇANDO PALAVRAS, ENTRETECENDO SERES: ANÁLISE DO POEMA “TEAR”, DE WILBETT OLIVEIRA\*

Karina de Rezende Tavares Fleury  
Mestranda em Estudos Literários/Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o poema “Tear”, um dos vinte e três de *Garimpo e outros poemas*, de Wilbett Oliveira, sob a luz da teoria ensinada por Wolfgang Kayser, em *Análise e interpretação da obra literária* (introdução à ciência da literatura), que aponta o conteúdo e a forma como dois dos aspectos mais importantes a se conhecer numa obra literária.

Palavras-chave: Literatura brasileira – Crítica e interpretação; Poesia brasileira contemporânea; Wilbett Oliveira (“Tear”); Metalinguagem.

Summary: The present work aims to analyze the poem “Tear” (“Sewing press”), one of the twenty and three of *Garimpo e outros poemas (I pan and other poems)*, of Wilbett Oliveira, under the light of the theory taught by Wolfgang Kayser in *Analysis and Interpretation of the Literary Composition* (introduction to the science of literature), that points the content and the form as two of the most important aspects to be known in a literary composition.

Key words: Brazilian Literature – Criticism and interpretation; Contemporaneous Brazilian Poetry; Wilbett Oliveira (“Tear”); Metalanguage.

tocar os dedos divinos  
e reinventar a criação

Wilbett Oliveira

Ensaiar. Garimpar da sombra, do desencanto, dos escombros, o verdadeiro pulsar da vida. Tear. Metaforizar o “eu” entrelaçando palavras. Tecer poesias.

Se no verso clássico, a palavra era dirigida pelas relações sintáticas, no moderno, “ela é ‘enciclopédica’, pois contém todas as acepções ao mesmo tempo”, escreve Ester Abreu

---

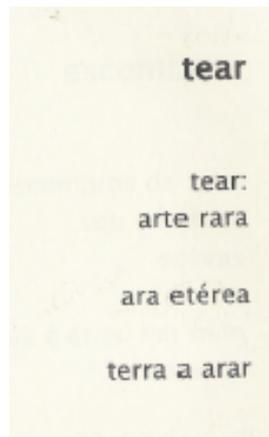
\* Texto publicado originalmente em FLEURY, Karina de Rezende Tavares. Entrelaçando palavras, entretecendo seres: análise do poema “Tear”, de Wilbett Oliveira. **Revista Mosaicum**, Teixeira de Freitas, a. 1, n. 4, p. 67- 71, 2006.

Vieira de Oliveira, em *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* (2004, p. 31). Tal qual um verbete de dicionário, a palavra que se organiza no corpo de uma poesia apresenta-se em sua condição a-temporal, quer dizer, não há um “antes” e um “depois” que marquem a ordem do tempo, ainda que o tema escolhido pelo poeta seja o tempo.

Centrada numa ou mais palavras-chave, rodeadas de outras palavras secundárias ou dependentes, a poesia moderna tem linguagem descontínua, apresentada em blocos, ditada segundo o arranjo formal eleito pelo poeta, não havendo, portanto, a concretização de silogismo. Isto significa que para ler esse tipo de poesia, é preciso apreender o valor de cada metáfora-matriz (ou palavra-chave, para citar Massaud Moisés) e demais metáforas, surpreendendo-as, sem se pretender com isso jamais esgotar o poema, até porque entram em cena o leitor e suas acepções.

Por essa razão, parece-nos salutar esclarecer o porquê de termos definido como *corpus* literário deste trabalho de leitura de texto poético o poema “Tear”, dentre os outros vinte e três do livro *Garimpo e outros poemas*, de Wilbett Oliveira. Não estabelecemos nenhum juízo de valor ao elegê-lo. O fato é que ao efetuar a leitura, o poema nos remeteu de imediato a um passatempo tradicional das Revistas *Coquetel*, da Ediouro, denominado “torto” (modernamente, pode ser baixado como um jogo nos aparelhos celulares) cujo objetivo é a construção de palavras. O desafio é criar o maior número de palavras possível, ligando as letras postas no diagrama.

Assim, desprezando-se algumas regras que regem o jogo, ficam evidentes as aproximações com este, uma vez que Oliveira constrói seu poema utilizando, nos quatro versos, palavras formadas apenas pelas letras “t”, “e”, “a” e “r”. Essa forma como o poeta entrelaça as palavras que se desdobram a partir da palavra-matriz que dá título ao texto, processo também utilizado nos poemas “Garimpo”, “Sombra” e “Cactos”, bem como a disposição gráfica do mesmo com seus significativos espaços em branco, **estimularam-nos** a um olhar mais demorado sobre esta poesia especificamente.



(OLIVEIRA, 2005, p. 33)

Nossa leitura de “Tear” recorre a Wolfgang Kayser, em *Análise e interpretação da obra literária* (introdução à ciência da literatura). Kayser assinala que há dois aspectos principais a serem conhecidos ao se analisar uma obra literária: o conteúdo e a forma.

A investigação quanto ao conteúdo do poema nos leva, primeiramente, ao título [“tear”] que “se revela altamente significativo; dá nome, precisamente, ao centro secreto da poesia” (KAYSER, 1970, p. 97), ao motivo da produção de texto metalingüístico sobre o qual nos estenderemos mais adiante.

No estudo feito observando-se as qualidades formais do poema, verificamos que os quatro versos de “Tear” estão ordenados da seguinte maneira: o primeiro é um dissílabo (a palavra-matriz “tear”); os demais são trissílabos. Trazem rimas internas: “tear” e “arte”, “rara” e “ara”, “etérea” e “terra”. Ainda quanto à sonoridade, percebemos que o poeta lança mão do expediente da assonância, ou seja, a repetição de determinados sons como do fonema vocálico /a/, aberto e longo, associado ao recurso da repetição de um fonema consonântico que, em geral, é a base da aliteração (nesta poesia o fonema vibrante /r/, de movimento vibratório rápido). Ambos imprimem ao texto efeitos onomatopaicos que, sem querer reproduzir *ipsis litteris* o ruído exterior, sugerem o som produzido pela máquina de tecer quando em funcionamento. Esse procedimento é endossado pelas palavras de Kayser: “o som ajuda fortemente a transmitir o verdadeiro sentido da poesia” (KAYSER, 1970, p. 157).

Dentro do estrato da palavra, destacamos a ausência de artigos e o emprego de um só, porém importantíssimo, verbo que marca definitivamente o poema com a sua forte carga de dinamismo, de ação. Abreu esclarece essa postura dos poetas contemporâneos quando escreve que eles “desprezam as palavras funcionais, que estabelecem a união sintática, e exploram os vocábulos combinando-os em uma sintaxe plástica ou distribuindo-os na superfície da página de diversas maneiras, favorecendo a intuição do leitor” (OLIVEIRA, 2004, p. 33).

O recurso da paronomásia (“tear”/“arte”, “ara”/“arar”), bem como o aparecimento das palavras “tear” e “rara” em contraposição anagramática a “arte” e “arar”, respectivamente, pressupõem uma plasticidade das palavras que, como se estivessem refletidas num espelho, duplicam-se, prolongam-se numa multiplicidade de significados. Também o branco do papel indica que o silêncio fala. Nesta poesia de Wilbett Oliveira, a imagem visual dos versos separados pelo branco nos faz inferir a posição dos fios, esticados, no aparelho de tecer, intencionalmente, impresso abaixo do poema “Tear”.

A metáfora, a mais poética **operação** do discurso figurado, possibilita a “transferência de significado de uma zona para outra que lhe é estranha desde o início” (KAYSER, 1970, p. 173) e origina-se a partir das vivências, da cultura e da imaginação do poeta. Conforme ressaltamos anteriormente, neste poema que ora analisamos, a metáfora “tear” equivale à escrita do texto literário, mais especificamente, à escrita do poema, que o poeta passa a conceituar, enumerando três definições:

- a) “arte rara”: denota a postura séria do poeta diante de tal ofício, que não está ao alcance de todos;
- b) “ara etérea” (ou altar sublime): revela concepção do caráter divino do fazer literário para o poeta que prima pelo culto à palavra;
- c) “terra a arar”: sintetiza a visão metafórica do poema em questão. Simboliza a idéia de que a “terra”, metáfora do poema, fértil, demanda ser trabalhada, (re)elaborada, lavrada (ações expressas pelo único verbo do texto). “Arar” funciona aqui como o arremate que nos faz retornar ao início do poema e à imagem visual do poeta como um tecelão que, entrecruzando cuidadosamente palavras, segue entretecendo seres.

Em *A criação literária: poesia*, Massaud Moisés prescreve que “o fenômeno poético implica, necessariamente, a emoção e o pensamento” (MOISÉS, 2003, p. 168). Contudo, continua Moisés, faz mister que fiquemos atentos à falsa idéia de que ao criar sua poesia o poeta o faz de forma inconsciente, como se estivesse em “êxtase”, fora da realidade. Emoção não é sinônimo de inconsciência. “Se a emoção constitui o núcleo do fenômeno poético, a sua manifestação é sempre um ato de intelectualização, em que se aduz o empenho da Razão para a representação da emoção” (MOISÉS, 2003, p. 170).

Essa informação corrobora a análise que fazemos de “Tear”, pois cremos **encontrarmos** diante de um escritor que, mesmo quando parece estar apenas brincando de fazer poesia, permite que o leitor entreveja a sua intelectualidade traspassando a sua emoção expressa através deste poema que se revela como uma aula da prática da escrita poética.

#### Referências:

- CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. rev. amp. Curitiba: Posigraf, 2004.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária* (introdução à ciência da literatura). 5. ed. rev. Tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Armênio Amado, 1970.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 11-67.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 168-176.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e amp. São Paulo: Cultrix, 2004.
- OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Análise sêmica de poemas de Oscar de Almeida Gama Filho com base na análise da estratificação. In: \_\_\_\_\_. *Ultrapassando fronteiras em metapoemas*. Vitória: Ufes, 2004. p. 27- 58.
- OLIVEIRA, Wilbett Rodrigues de. *Garimpo e outros poemas*. Teixeira de Freitas: Prosas e Versos, 2005.